



# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



## A EXTENSÃO POPULAR E EDUCAÇÃO DE EDUCADORES NA UNIVERSIDADE

Área temática: Educação

Andreia Barbosa dos Santos<sup>1</sup>; Ariana Rosa dos Santos Silva<sup>2</sup>; Elisabete Ferreira Delfino<sup>3</sup>; Gilsélia Macedo Cardoso<sup>4</sup>; Íria Vannuci Barbosa da Silva<sup>5</sup>; Liziane de Almeida dos Santos<sup>6</sup>; Maria Passos Rosa<sup>7</sup> - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Resumo

O presente trabalho apresenta os resultados de pesquisa acerca das contribuições da Extensão Popular à educação de educadores. Seu ponto de referência é a experiência do Programa de extensão “Tecelendo” da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). O objetivo é lançar olhares sobre a Extensão Popular e suas contribuições no processo de educação de educadores. A Extensão Popular é um caminho para a educação de educadores. Como a Extensão Popular colabora na formação de educadores para além do mercado de trabalho? As discussões com os sujeitos apontaram para a contribuição da Extensão Popular na construção de conhecimento a partir da experiência. Indicaram também movimentos de aprendizados em torno da alteridade e do diálogo. A Extensão Popular emerge como um caminho para a educação de educadores na medida em que

<sup>1</sup> Professora Dr<sup>a</sup> do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB – Coordenadora Geral do Programa de Extensão Tecelendo.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Bolsista-Voluntária do Programa de Extensão Tecelendo.

<sup>3</sup> Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Professora do Programa de Extensão Tecelendo.

<sup>4</sup> Professora Dr<sup>a</sup> do curso Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB – Coordenadora do Núcleo de Alfabetização e educação Popular do Programa de Extensão Tecelendo.

<sup>5</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB – Bolsista-Voluntária do Programa de Extensão Tecelendo.

<sup>6</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB – Bolsista-Voluntária do Programa de Extensão Tecelendo.

<sup>7</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB – Bolsista-Voluntária do Programa de Extensão Tecelendo.

ISBN: 978-85-93416-00-2





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

possibilita tempos, espaços e experiências aos sujeitos, territórios de passagem. As referências teóricas desta reflexão são os autores que discutem Educação Popular, Extensão Popular, experiência, alteridade e diálogo: Paulo Freire, José Francisco de Melo Neto, Jorge Larrosa Bondía, Emmanuel Lévinas e Enrique Dussel.

Palavras-chaves: Educação de Educadores; Educação Popular; Extensão Popular.

## 1. Introdução

Tratar da educação de educadores tem sido um dos grandes desafios de nosso tempo. Ser contemporâneo e se afastar de seu tempo para estabelecer um diálogo com ele é sem dúvida uma das grandes dificuldades do humano.

O exercício de pensar em si e no mundo em que está sendo exige grandes esforços para além do espírito de boa vontade. Vivemos uma grande crise individual e coletiva. Ela perpassa todas as esferas. Educados que fomos a temer as crises, precisamos reaprender a ser subversivos e comemorá-las. Se antes havia uma sobriedade em certezas absolutas, caíram todos por terra. Estamos, como humanidade, rastejando; debatemo-nos em areia movediça, em pântanos individuais e coletivos.

A socialização do homem é condição primordial para a superação do capitalismo, dizia Marx. A evolução humana passa pelo desenvolvimento da riqueza social, pelo acesso ao direito de que todos possam usufruir dos bens construídos ao longo da história. O capitalismo em sua máxima “ter para ser” está no limite, visto que apenas uns poucos têm esse direito garantido e o acesso em grande medida está reduzido a “coisas” compradas pelo dinheiro. Não cabem “coisas” dentro da alma humana. Está cada dia mais difícil para a elite esconder a clivagem antagônica que alimenta sua existência. Não resta muito tempo, de UTI em UTI nos arrastamos.

Estamos todos convidados a buscar respostas para as crises que não sejam somente pessoais ou somente coletivas. Urgente à síntese desse movimento. As explicações religiosas todas estão tensionadas, as famílias em suas relações mais profundas de amor (e ódio) estão todas tensionadas, a moral e os bons costumes viraram motivo de piada e, com isso, jogaram “a água, a bacia e a criança fora”. O global virou local e o local virou global.

ISBN: 978-85-93416-00-2



# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

As fronteiras, por mais que se ergam, caem e teimosamente se reerguem nos fundamentalismos conservadores. Todos tensionados! Nossos gritos estrondam nas ruínas da história...

Tratar de Educação é sem dúvida uma escolha, um lugar possível de pensar tudo isso. Apresentar a Extensão Popular como caminho para um processo de educação de educadores é defender de forma propositiva tempos, espaços, experiências que contribuam com olhares e ações para superação de nossos limites como seres viventes.

É através da práxis revolucionária que o ser humano transforma a si e ao mundo, defende Marx. O ser humano altera o mundo por meio de sua ação. Essa alteração, seja das circunstâncias com a atividade humana, seja de si próprio, segundo Marx, deve ser apreendida e compreendida como práxis revolucionária. Nesse movimento, a educação é um fenômeno social. É produto de seu contexto, faz parte da cultura e também é produtora de relações e determinações dessa sociedade.

Com isso, a visão dialética de educação parte da análise das relações existentes no trabalho e sustenta que o processo de emancipação do ser humano passa pela superação do modelo econômico, que é antes de tudo uma construção histórica.

Almejar a proposição de um mundo em que a educação contribua na transformação dessa relação, onde seja superada a exploração do ser humano pelo ser humano e da natureza pelo ser humano, implica necessariamente um confronto de interesses que envolvem a ordem econômica, política, social, cultural, espiritual...

A educação de educadores acontece nas relações estabelecidas com o Outro e com o contexto. O educador e o educando educam-se juntos na práxis revolucionária por intermédio do mundo que transformam. Imersos nessa grande crise social, o “eu quero”, o “eu posso, o “eu vou”, o “eu mereço”... de frente com o Outro... que também deseja, também pode, também vai, também merece... Estamos diante do convite à alteridade e ao diálogo. Precisamos nos compreender a partir do encontro e de nossas tão contraditórias e difíceis relações de interesses, tantas vezes antagônicas e, mais do que nunca, urgentes de amor e de humanização.

Convite a pausas, ao olhar, ao sentir, ao ouvir, ao falar, ao amar, ao sorrir, ao encanto, ao reencanto, ao criar e recriar a relação com o Outro e com o mundo. Esse

ISBN: 978-85-93416-00-2



# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

encontro com o Outro, e não com o mesmo e a redução do Outro ao mesmo, é um dos grandes desafios postos à educação.

Neste trabalho, o sentido de alteridade caminha com Emmanuel Lévinas e Enrique Dussel. A relação com o Outro como um fenômeno eminentemente ético. Além disso, o conhecimento como elemento determinante e fundante da relação humana.

Nessa perspectiva, a educação precisa assumir o compromisso da relação dialógica entre os sujeitos e seus processos de encontro com o Outro. Lévinas questiona a filosofia clássica, “põe em dúvida o primado e o poder da filosofia do Ser, ou seja, da Ontologia. Para ele, o Outro se manifesta anterior a qualquer discurso ou conhecimento e, desse modo, será o evento ético o elemento fundamental”. (GUEDES, E. C., 2007, p. 32).

O sentido de “Outro”, neste trabalho, difere da percepção do Outro como representação, que reduz o Outro a nada mais ser do que o mesmo, e também do Outro tomado como tal, por si mesmo. Em Emanuel Lévinas e Enrique Dussel, o Outro se manifesta “independe de o Eu afirmá-lo ou não. O Outro não provém de mim, do Eu. Ele vem a mim, sem que eu o tenha chamado ou afirmado, é o ‘outro modo que ser’”. (GUEDES, E. C., 2007, p. 81).

Enrique Dussel traz o Outro em sua cotidianidade. O Outro surge nas experiências cotidianas. O ser humano é ser-no-mundo, e esse mundo surge desde o Outro. “A língua é o lugar do ser, ou seja, o lugar onde se cobiça o sentido do todo. Tudo isso é um fantástico processo pedagógico, desde o Outro e não desde mim. O que invento? Nada! E se não inventei nada recebi tudo do Outro, no cara a cara.” (DUSSEL, 2008, p. 69).

A Educação então se mostra também como um convite ao encontro; a Extensão Popular enquanto um caminho onde o tempo, o espaço e as experiências acontecem. Os sujeitos experienciam o encontro com o Outro, caminham em um processo de reencantamento a partir da alteridade e do diálogo. Precisamos pensar juntos e propor juntos novas formas de viver, vivendo.

A procura por comprometimento com o Outro é um convite ao aprendizado do diálogo. Segundo Dussel, Lévinas busca amor-de-justiça (*désir*), que “é o amor ao Outro como outro pelo fato de ser alguém [...]; ainda que d’ele não saiba nada, porque o respeito

ISBN: 978-85-93416-00-2







# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

ao Outro, enquanto tal, é um ato que não pode ser através da razão ou da inteligência." (DUSSEL, 2008, p. 72).

Nessa perspectiva, a educação de educadores é também a expressão de uma concepção de mundo e, quando a almejamos transformadora, ela caminha propositivamente dialógica com sujeitos em constante movimento de ir além de si mesmos e com a promoção das responsabilidades singulares e coletivas. É nessa perspectiva que compartilhamos com Freire a ideia de que não existe palavra verdadeira que não seja práxis, e que esta seja a transformação do mundo.

O diálogo pressupõe ação e reflexão em um profundo comprometimento com a transformação do mundo. É a pronúncia da palavra (de diversas formas). A existência humana que também acontece no silêncio não pode ser muda, silenciada. "Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar*". (FREIRE, 1987, p. 78).

Desse modo, a palavra não pode ser, portanto, privilégio de alguns em detrimento de outros. Não pode ser doada caridosamente. É um ato de libertação. Do sujeito que liberta a si e ao Outro em profundo ato de amor. Não existe diálogo sem amor, tampouco amor sem diálogo. "O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para *pronunciá-lo*, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu." (FREIRE, 1987, p. 78).

Por isso, o diálogo está diretamente ligado à escuta e ao movimento. Não posso falar sozinho, pois isso significa o silenciamento do Outro. Não posso ouvir o Outro apenas do meu lugar. É preciso chegar perto. Isso é movimento de desacomodação, de aproximação, de amor. O diálogo caminha de mãos dadas com a alteridade.

Diante dessas questões de Freire, é pertinente retomar o processo de educação. Assim como aprendemos a ser anti dialógicos, aprendemos a dialogar. A educação, nessa perspectiva, é fundamental. E que esta possa contribuir na educação de seres humanos que não tenham medo de sua humanidade e tampouco se sintam superiores aos outros vivos, que não estejam preocupados em ser heróis ou heroínas, que sejam guerreiros e guerreiras amorosos, esperançosos, inquietos, inconformados, incansáveis no trabalho de

ISBN: 978-85-93416-00-2





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

transformação de si e do mundo. Capazes de amor a si e ao Outro em toda sua potência de liberdade.

## A Universidade: algumas construções de sua história

É preocupante o formato de educação de educadores que temos assumido na Universidade. Um formato ainda distante do trabalho e do que ele pode nos ensinar por meio da experiência.

Um modelo de “formação” que procura atender cada dia mais as exigências do mercado de trabalho – um mercado não reflexivo, individualista, baseado na lei do “ter para ser”, do “um sobre o outro”, o “melhor” etc. Na educação, esse modelo se expressa cada dia mais nas “formações” aligeiradas, técnicas, à distância (inclusive de si). A trajetória da Universidade brasileira aponta para uma instituição que desde a sua criação procurou em grande parte atender a formação de mão de obra especializada para suprir as necessidades do governo e da economia local.

A origem da extensão universitária data da segunda metade do século XIX. A Inglaterra é apontada por grande parte dos autores como pioneira. Segundo Evando Mirra (apud PAULA, 2013, p. 6): “A Universidade de Cambridge, em 1871, foi provavelmente a primeira a criar um programa formal de ‘cursos de extensão’ a ser levados por seus docentes a diferentes regiões e segmentos da sociedade”. Essas atividades, segundo o autor, aos poucos se espalharam e, em pouco tempo, atingiram todos os recantos do país.

Ainda segundo Mirra (apud PAULA, 2013), outra vertente de trabalhos dessa mesma natureza surgiu em Oxford, com atividades concebidas como uma espécie de movimento social voltado para os bolsões de pobreza. As primeiras ações tiveram lugar em Londres e logo se expandiram para regiões de concentração operária.

Esse movimento se expandiu, ganhando a Europa e chegando a seguir nos Estados Unidos, “que criou a American Society for the Extension of University Teaching que impulsionou as atividades de extensão, pioneiramente, na Universidade de Chicago, em 1892, culminando na experiência desenvolvida pela Universidade de Wisconsin, em 1903, que colocou ‘seus professores como technical experts do governo do estado’”. (PAULA, 2013, p. 6).

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização



Patrocínio



adop

UFMG

ABH

FEOP

Apoio

GO GERDAU

CAPEIS

MINISTÉRIO DA  
EDUCAÇÃO





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



É importante destacar que, em suas origens, a extensão universitária assumiu duas vertentes básicas. Segundo Paula (2013, p. 9), a primeira, originada na Inglaterra, ganhou a Europa e “expressou o engajamento da universidade num movimento mais geral, que envolveu diversas instituições (o Estado, a Igreja, partidos), que buscaram, cada qual à sua maneira, oferecer contrapontos às consequências mais nefastas do capitalismo”.

A segunda vertente da extensão universitária marca o protagonismo dos Estados Unidos e assume como “objetivo básico a mobilização da universidade no enfrentamento de questões referentes à vida econômica no sentido da transferência de tecnologia, da maior aproximação da universidade com o setor empresarial”. (PAULA, 2013, p. 9).

Portanto, é importante perceber que ambas as vertentes da extensão universitária estão ligadas a duas modalidades de desenvolvimento capitalista: “ao modelo dominante em vários países europeus e que buscou legitimação e estabilidade mediante a implantação do Estado do Bem-estar Social; e ao modelo norte-americano de vocação rigorosamente liberal”. (FURTADO, 1992, apud PAULA, 2013, p. 10).

Já na América Latina, a extensão universitária ganhará, ao longo do tempo, outros contornos e apresentará uma busca constante de avançar nas perspectivas tanto europeia quanto norte-americana. Marcada por revoluções como a do México (1910) e a de Cuba (1959), ela será pintada com os contornos de uma “variada gama de reivindicações e lutas sociais que, tendo se iniciado a partir da centralidade da luta pela terra, avançou para incorporar questões sociais mais amplas” (PAULA, 2013, p. 10).

É importante destacar que ao contrário do Brasil, que só viu serem criadas Universidades no século XIX, em vários países da América do Sul as Universidades surgiram ainda no século XVI<sup>8</sup>. Estas, por sua vez, com uma história arraigada nas instituições religiosas.

<sup>8</sup> Universidade de Santo Domingo (1538); Universidade de São Marcos (Peru, 1551); Universidade Real e Pontifícia da Cidade do México (1553); Universidades na Guatemala, em Nova Granada; sendo que, no século XVII, foram criadas universidades em Córdoba, em La Plata, em Cuyo, em Santiago do Chile; sendo que havia três universidades em Quito já no século XVII (LAFAYE, 1999 apud PAULA, 2013, p. 10).



# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



A regulamentação da extensão universitária no Brasil remonta ao ano de 1917<sup>9</sup>. De lá até os dias atuais, há uma constante procura por uma conceitualização que supere as influências de um estado de bem-estar ou de ajuste aos interesses do capitalismo. A visão assistencialista marca a história da extensão universitária e tem sido tensionada ao longo dos anos.

Melo Neto (2004a) traz à reflexão conceitos de extensão que foram construídos ao longo de nossa história e que cotidianamente ainda estão presentes nos discursos e práticas dos trabalhos propostos nas Universidades.

Essas concepções vão desde compreender a extensão como algo genérico, como por exemplo, a extensão enquanto “algo *enriquecedor* para os objetivos da Universidade” ou como “atividade promotora de conhecimento” sem deixar explícito que tipo de contribuições ou enriquecimentos são esses. (MELO NETO, 2004a, p. 42).

Existem também visões que defendem a extensão como “expressão do retorno à sociedade daquilo que esta investe na universidade”. Nessa perspectiva “uma compreensão de troca entre a universidade e a sociedade, em que aquela precisa devolver a esta tudo o que está sendo investido” (idem). Nessa concepção a universidade assume o lugar de devedora da sociedade, “fragilizando-a nessa relação ou expressando, talvez, um desejo de instalação, na universidade, da política de toma-lá-dá-cá”. (MELO NETO, 2004a, p. 45).

Há, ainda, outra perspectiva conceitual atribuída à extensão: a extensão como um meio que liga o ensino e a pesquisa. “Imagina-se que um ente concreto liga os dois outros constituintes: ensino e pesquisa. Contudo, o ensino e a pesquisa podem constituir esse ente. Mas, será necessário que se saiba o significado do *meio* presente nessa conceitualização.” Nesse sentido, Melo Neto questiona: “Será o *meio* um instrumento pelo qual se pode chegar a outras conjecturas sobre extensão? Será um *instrumento* através do qual se domina a própria extensão, o ensino ou a pesquisa?” Além disso, a extensão será “o *meio*,

<sup>9</sup> Decreto Federal nº 19.851 que conferiu a ela uma primeira referência legal. Depois dele, ela será mencionada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 4024/61, sendo concebida como curso de especialização, aperfeiçoamento e extensão. A partir da Lei nº 5.540 fixaram-se as normas de organização e funcionamento do ensino superior e se deu a nova concepção da extensão universitária, na qual foi preconizada a indissociabilidade entre o ensino e a pesquisa. (MOITA, ANDRADE, 2009).





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

o intermediário para se chegar ao ensino e à pesquisa? Precisa-se desse meio?” (MELO NETO, 2004a, p. 42).

Além desses conceitos acerca da extensão, existe ainda a perspectiva que a concebe como uma forma de corrigir a ausência da Universidade nas problemáticas da sociedade. Assim, ela passa a se apresentar como *forma*. E qual o conteúdo dessa forma? O resultado dessa visão é a extensão veiculada como prestação de serviços. Seja como estágios, quando atrelada a programas de governo, como forma de captar recursos ou ainda como forma de buscar estudar problemas da realidade. Melo Neto (2004a, p. 44) chama atenção para o fato de que o “mais curioso é que a extensão, muitas vezes, é considerada como uma espécie de sobra na universidade, podendo ser tudo aquilo que não se identifique como atividade de ensino ou de pesquisa”.

Melo Neto (2004a, p. 47) também problematiza o conceito de extensão trazido a partir do conceito freireano em que a “sustentação ocorre a partir do *processo dialógico*” e questiona acerca do “como se dá esse diálogo comunicativo? Existe uma ação comunicativa habermasiana nessa compreensão, onde a busca principal constitui-se no consenso como mecanismo último da organização da sociedade?”. Além disso, questiona se esse “diálogo proposto como estratégia para a convivência social suportará a coexistência consensual em uma sociedade de classes e tão profundamente dividida?”. Segundo o autor, o conceito freireano, ao sugerir a extensão como comunicação, mantém ausente o significado da extensão, uma vez que a “formulação se dá de um conceito a partir de outro”.

No fim da década de 1980, o reconhecimento legal das atividades acadêmicas de extensão, sua inclusão na Constituição e a organização do Fórum de Pró-Reitores de Extensão (Forproex) proporcionaram à comunidade acadêmica as condições e o lugar para uma conceituação da extensão universitária.

Na tentativa de superar essas conceitualizações, o autor se lança na reflexão do conceito trazido pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão e ressalta a necessária busca “das relações internas existentes e suas práticas nas instituições promotoras de extensão, como a

ISBN: 978-85-93416-00-2





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

universidade” e das “questões que a realidade objetiva mais expõe àqueles que desenvolvem atividades de extensão” (MELO NETO, 2004a, p. 52-3).

O Plano Nacional de Extensão Universitária define extensão como “o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade”, na direção da justiça, solidariedade e democracia. (Forproex, 2012, p. 1).

Com isso, a extensão assume papel importante: buscar atender as multiplicidades de perspectivas em consonância com os princípios da ciência, da arte, da tecnologia segundo as prioridades de cada contexto. É imperativo superar a visão de que a Universidade é a detentora de um saber pronto e acabado ou que é o único espaço de produção do conhecimento. O desafio posto é justo reconhecer que tanto a Universidade ensina como aprende por meio da extensão (também). O trabalho na extensão afeta as estruturas da Universidade em processos administrativos, políticos, ideológicos e pedagógicos (para citar apenas alguns). Essa instituição está tensionada ao aprendizado e às transformações que dele porventura venham. Esse é um grande desafio.

Chegamos aqui a uma perspectiva da extensão que consideramos mais próxima ao que buscamos ao longo desses anos: a extensão como um *trabalho social*. Ou seja, a extensão como uma ação deliberada que se constitui a partir da realidade e sobre esta realidade objetiva, produzindo conhecimentos que visam à transformação social.

Segundo o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades públicas brasileiras (1999), esse princípio apoiará a elaboração do Programa Universidade Cidadã, no qual foram definidos oito eixos temáticos que são considerados áreas importantes de atuação, e de acordo com os quais as Universidades já trabalhavam, atendendo às demandas da sociedade. Isso seria a semente para a produção do Plano Nacional de Extensão. Esse movimento contribuiu em grande parte para a ressignificação da extensão dentro das Universidades e o debate do modelo de Universidade brasileira e seus fins.

Essa concepção estaria sendo demarcada por indicadores que mostram certo tipo de trabalho em desenvolvimento entre Universidade e sociedade, não como entes separados, mas em relação permanente entre si, e que, nem por isso, deixam de se diferenciar. O sentido que se propõe é de um trabalho social útil como processo educativo, cultural e

ISBN: 978-85-93416-00-2



# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

científico, mas voltado à construção de uma nova hegemonia. É nessa perspectiva que se fortalece o entendimento de que a Universidade e a comunidade devem ser possuidoras do produto desse trabalho e este, por sua vez, necessita da crítica como ferramenta nas atividades que o constituem.

A extensão, nessa perspectiva, como trabalho e produtora de novos conhecimentos, fortalece a dimensão social do trabalho. Pode, com isso, deslocar as atividades nela envolvidas para a dimensão não alienante do processo. Esse conceito nos indica a relevância da reflexão acerca da educação de educadores realizada pela extensão. Esta, por sua vez, está ancorada na possibilidade e na urgência do fortalecimento do movimento de reestruturação da Universidade a partir de interesses aos quais ela deve se engajar por ser pública: a transformação da sociedade assumindo seu compromisso com a qualificação da vida da população como uma das metas centrais. Com isso, as atividades de extensão estarão diante dos maiores limites sociais seja na área da saúde, na educação, no sistema jurídico, nas artes etc.

Nessa base conceitual, a extensão nos convida a pensar suas contribuições em uma base Popular, sobre o alicerce da Educação Popular. Não é possível ignorar o aumento da classe trabalhadora dentro das Universidades (seja como docentes, técnicos ou discentes). Essa ampliação da presença dos trabalhadores em uma instituição forjada em concepções e práticas de uma elite conservadora e hegemônica provoca, ao mesmo tempo, um endurecimento do conservadorismo e uma tensão para a transformação institucional. Nessa perspectiva, cabe um olhar mais cuidadoso para as contribuições da Extensão no processo de educação de educadores.

## 2. Considerações Finais

Os estudos acerca das contribuições da extensão universitária na formação universitária seguem linhas de estudos variadas. Em sua maioria, destacam sua construção histórica bem como a pouca valorização que lhe foi atribuída ao longo dos anos.

ISBN: 978-85-93416-00-2





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

Muitos desses estudos discutem a relação entre ensino, pesquisa e extensão e as dificuldades de concretização de trabalhos capazes de estabelecer efetiva relação de indissociabilidade entre eles.

Em relação às contribuições para a educação de educadores, os estudos discutem sobre as contribuições da experiência para o fazer profissional (no sentido de prática, exercício) e para a conquista de relações mais próximas entre teoria e prática.

Também existem pesquisas que apontam para as percepções dos estudantes com relação às contribuições da extensão em seu processo formativo. Estes, por sua vez, indicam elementos de contribuição para além da formação profissional. Os estudos também revelam que as principais motivações dos estudantes para participar de projetos de extensão estão relacionadas a aquisição de maior conhecimento na área de formação e procura por “ação social”. Na visão dos estudantes, os maiores aprendizados proporcionados pela extensão dizem respeito a: 1) aprender a conviver com o diferente; 2) elaborar planejamento de atividades distintas para cada grupo atendido; 3) perceber que o conhecimento acadêmico não é o único saber existente na sociedade. (SILVA, A. R., 2011).

Atualmente grande parte dos educadores em processo de educação não conseguem alcançar a elaboração conceitual básica diante das questões: O que é educação? E o que é escola? Neste debate, tanto a educação fica reduzida à escola quanto ela como instituição é reduzida ao lugar de absorção de conhecimento. Essa confusão clássica nos parece ainda sequela de um modo de Educação entre nós conhecido por tradicional.

Freire (1987) e Souza (2007) defendem a educação como um processo sociocultural de formação humana. Segundo eles, tanto a humanização quanto a desumanização do ser humano são perpassadas por nossas ações individuais e coletivas, e devem ser assumidas como “tarefas” (SOUZA, 2007). Nessa perspectiva, a formação humana deixa de ser percebida como um conjunto de ideias e ações ingênuas e pode ser situada em sua dimensão política.

Desse modo, a educação precisa ser tratada enquanto um processo. Na visão de ambos, os sujeitos são protagonistas de seus movimentos educativos. Paulo Freire, ao longo de sua obra, chamará nossa atenção para o fato de vivermos em um mundo cujas

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização



Parceria



Apoio







# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

dinâmicas socioculturais conduzem uma dominação das consciências e, por isso mesmo, “a pedagogia dominante é a pedagogia das classes dominantes”.

Com isso, não é possível, pois, assumir uma pedagogia nessa perspectiva e esperar que ela contribua com processos de libertação, uma vez que me parece bastante claro que “os métodos da opressão não podem, contraditoriamente, servir à libertação do oprimido”. (FIORI, 1987, p. 9).

Isso nos remete a uma teoria de educação que caminhe com o oprimido, que pense e proponha junto com ele, e que no mesmo caminhar concretize processos educativos. Isso nos faz chegar à Pedagogia do Oprimido, uma educação como prática da liberdade. Isso nos faz chegar à Educação Popular. Isso contribui com o pensar e o “investir na construção de um Estado regido pela participação popular e voltado para a superação das injustiças sociais. Muitas políticas públicas passam a incorporar saberes e práticas construídas no movimento de resistência da sociedade civil, onde a Educação Popular era elemento central”. (VASCONCELOS, 2011, p.18).

A extensão na perspectiva da Educação Popular tensiona a Universidade no que diz respeito a sua estrutura, missão social e relação com a comunidade. Além disso, em sua dinâmica própria, tensiona as metodologias tradicionais e a dissociação entre teoria e prática. A força motriz da extensão está na ação transformadora que é alicerçada “na educação, no diálogo, na indignação e na leitura crítica do mundo, na amorosidade, traduzida na fé no ser humano e em sua capacidade de lutar para ser mais”. (VASCONCELOS: 2011, p. 25).

Há um deslocamento primordial nos processos a partir da Extensão Popular, e que promove uma convocação aos sujeitos envolvidos. Há uma mudança de conduta ética, moral, política, ideológica e que contraria a educação nos moldes tradicionais (em sua visão bancária, diria Paulo Freire), e que diz respeito justamente à educação por meio da experiência, das relações que são estabelecidas. A Extensão Popular não nos convida somente aos aprofundamentos teóricos, ela nos convida por meio da experiência a aprofundar e ressignificar, na qualidade de sujeitos, a vida e o mundo.

ISBN: 978-85-93416-00-2







# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

\_\_\_\_\_. Educação Popular e “Experiência”. *Revista Contexto & Educação*, v. 26, n. 85, p. 31-51, 2011. Disponível em:

<<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/440>>.

SANTOS, Andreia Barbosa dos. Contribuições da extensão popular à educação popular: experiência, alteridade e diálogo. João Pessoa: UFPB, 2015

SOUZA, João Francisco de. *E a educação popular?? Quê??*: uma pedagogia para fundamentar a educação, inclusive escolar, necessária ao povo brasileiro. Recife: Bagaço, 2007.

VASCONCELOS, Eymard M. Apresentando – Educação popular na universidade. In: VASCONCELOS, Eymard M. e CRUZ, Pedro José S. C. (orgs.). *Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência*. São Paulo: Hucitec; João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011. p. 15-24.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização



Patrocínio



Apoio

